

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Indaiatuba, 1910: a cidade vista através das memórias do músico Nabor Pires de Camargo

Adriana Carvalho Koyama*

Resumo: O texto relata uma experiência de educação patrimonial para crianças do Arquivo Público de Indaiatuba (SP). Tomando como referência as memórias do músico Nabor Pires Camargo (1902-1996) e documentos do arquivo, a experiência compõe-se, inicialmente, de uma exploração do acervo do arquivo, inclusive do Fundo Nabor Pires Camargo, com seus documentos escritos, manuscritos e impressos, discos em vinil, partituras ilustradas, contratos de trabalho, cartas e objetos pessoais. Em seguida os estudantes são convidados a participar de um jogo no qual, em equipes, terão propostas de investigação a desenvolver, debruçando-se sobre reproduções destes documentos. O jogo estimula diferentes aproximações destas fontes, que dialogam e remetem à cidade de Indaiatuba do início do século XX, vislumbrada a partir da escola, do trabalho e das brincadeiras infantis.

Palavras-chave: Arquivo Municipal; Educação Patrimonial; Memória.

Abstract: The article describes an experience of heritage education carried out on the Indaiatuba local Archives (SP). First, the students are guided to a tour inside the archive, observing its founs, exploring maps, written records, newspapers, photos, letters and the personal records of Nabor Pires Camargo, a musician that was born in Indaiatuba at the beginning of the twentieth century. After this exploring activity, they are invited to a historical investigation game analyzing extracts of the musician childhood memories combined and copies of documents. The objectives of these educational activities are to propose a fresh approach to the archival resources as educational materials and to contribute to the local heritage preservation.

Keywords: Local Archives; Heritage Education; Memory.

Esse trabalho foi desenvolvido no Arquivo Público Municipal de Indaiatuba, São Paulo. Seu contexto de criação é o programa de Integração Arquivo-Escola, concebido para sensibilizar o público das escolas locais em relação à importância da existência e divulgação das finalidades do arquivo público municipal.

O Arquivo pertence à Fundação Pró-Memória de Indaiatuba (FPMI), autarquia municipal criada em 1994 com o compromisso de organizar o Arquivo e o Museu municipal, bem como de zelar pelo patrimônio histórico-cultural da cidade, abrigando também o Conselho de Preservação do Patrimônio municipal. No momento de sua criação as questões

* Historiadora e Arquivista da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

sobre a memória estavam no topo da agenda, no rastro da redemocratização e da rearticulação da sociedade civil (Rodrigues, 2000:121-144). Ulpiano Bezerra de Meneses (1992:17), refletindo sobre a memória, aponta a importância dos suportes materiais para a lembrança. Segundo ele,

são necessários aos trabalhos da memória os seus mecanismos --suportes, vetores e referenciais, seus conteúdos ou representações e os agentes e suas práticas. As principais categorias de suporte são a linguagem, o corpo, as cerimônias e os objetos materiais.

Ulpiano aponta o conceito de lugares da memória, de Pierre Nora, como articulador de práticas, agentes, referenciais e conteúdos da memória, constituindo um ponto de condensação de sentido material, simbólico e funcional. A concepção da FPMI é, claramente, a de constituir-se como lugar da memória, em seu sentido amplo de articulador entre espaços concretos e simbólicos. Além dos fundos e coleções particulares recebidos regularmente, a FPMI faz um trabalho sistemático de coleta de depoimentos de história oral, simultâneo à publicação periódica de livros de memórias sobre a cidade. Entre suas ações de educação patrimonial, está a criação de um percurso histórico pela cidade, oferecido para as escolas locais, e o programa de Integração Arquivo-Escola, em que os alunos vão ao arquivo para conhecer suas atividades. É esse o quadro institucional em que foi criado o jogo que descreverei a seguir.

Sua proposta compartilha a visão de que a aprendizagem da noção de tempo necessita de experiências de ensino que trabalhem relações causais, de sucessão, duração e transformação. Nessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem de primeira a quarta séries deve procurar construir com a criança as noções de causalidade e tempo histórico. Estas noções, por sua vez, dependem do exercício das noções de duração e seriação (sucessão). Vejamos como o ensino de história é visto por Dutra (2001:3):

Assim, se é a partir da relação presente/passado que se desvelará a historicidade dos acontecimentos evidenciando as mudanças, as permanências, as transformações e rupturas, tal relação não poderá, no entanto, prescindir do desenvolvimento das noções de ordenação/sucessão, duração e simultaneidade que possibilite estabelecer relações temporais como: antes, depois, mais velho, mais novo, durante, ao mesmo tempo, bem como, a localização cronológica no tempo. Essas noções, por sua vez, constroem-se paralelamente ao processo de descentração.

[...] as propostas para o ensino da história têm se fundamentado nos avanços no campo da investigação histórica que apontam para a importância do emprego do método de investigação histórica, aliado a uma perspectiva cognitiva, sociocultural no processo de ensino-aprendizagem. Ensinar e aprender História através do método de investigação possibilita a compreensão da História como construção, e não como algo dado, a ser lido e memorizado pelo aluno. Nesse contexto, torna-se premente o contato dos alunos com múltiplas fontes de pesquisa histórica (escritas, orais, iconográficas e objetos da cultura material) num permanente diálogo e

questionamento que possibilitem compreender o processo de construção do saber histórico.

Nessa mesma direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que a conexão entre o vivido individualmente e o vivido pelo grupo de referência, que possibilita a apreensão do tempo da memória, deve ser o foco do processo de ensino-aprendizagem das duas primeiras séries do EF1, bem como um primeiro contato com os instrumentos de pesquisa do historiador: observação, descrição, entrevistas e análise de registros do passado vivido. A passagem da noção do tempo da memória coletivizada para a noção do conhecimento histórico problematizado seria o próximo passo, através do descentramento e da experiência de uso do método do historiador: pesquisas de campo, leitura de documentos, reconstrução fragmentária e refletida do passado.

Nesses parâmetros estão dois dos principais eixos das atividades do projeto: a experiência de investigação a partir de documentos do arquivo e o contato com fragmentos de memórias da cidade, que podem criar identificações e tensões em relação às experiências vividas pelas crianças, colaborando para a construção da noção de tempo por elas. O Arquivo pode ser um espaço de grande valor para esse processo de aprendizagem, uma vez que abriga documentos de vários momentos da história da cidade, em muitos suportes, sobre várias atividades da vida humana, e que suscitam perguntas sempre diversas.

Como o contato entre as crianças e o arquivo é pontual, o trabalho não pode ser desenvolvido diretamente a partir das memórias das crianças e de seu grupo de referência. Optei então por usar como guia as memórias de infância de Nabor Pires Camargo, que viveu sua infância e adolescência em Indaiatuba há cerca de um século, como forma de suscitar identificações e estranhamentos próprios do universo infantil, e provocar novos olhares sobre a cidade e sobre os registros do passado.

Ao elaborar o projeto, inicialmente percorri as histórias que Nabor conta em seu livro de memórias, Recordações de um Clarinetista, todas muito interessantes. Trazem um olhar agudo sobre a cidade, seus moradores, sua vida social, o trabalho, as brincadeiras das crianças, a banda da cidade _da qual ele fez parte por muitos anos, enfim, suas memórias iluminam o cotidiano da vilazinha no começo do século XX. A partir dessa narrativa fui buscando, nas coleções de fotografias do arquivo, imagens que remetessem aos espaços que ele descrevia e fragmentos de situações descritas. A pesquisadora e professora Maria Carolina

Bovério Galzerani, ao escrever sobre a rememoração, tece relações entre esta e a narrativa, remetendo-se ao filósofo Walter Benjamin:

[a rememoração] pode nos proporcionar a percepção do entrelaçamento não só de tempos distintos (i.é, do presente, do passado), e de espaços diferentes, mas, sobretudo, de visões de mundo também plurais. Visões do próprio sujeito, tecelão das memórias (enquanto adulto e criança, por exemplo), amalgamadas às vozes de outros personagens, por ele incorporadas ao longo de sua elaboração - e, inclusive, capazes de serem lidas numa leitura a contrapelo.

É preciso, ainda, aquilatar que o autor berlinense ora focalizado, articula a noção de memória à de narrativa. Narrativa concebida como transmissão de experiências entre gerações, fundada na circulação coletiva de tradições, de sensibilidades, na aceção plural de verdade, na relação do narrado com o vivido, na dimensão mais ampla de sujeito, de ser humano (portador de consciência e inconsciência), e sobretudo, na recuperação da temporalidade. Neste sentido, para Benjamin a narrativa não existe sem a memória, não existe sem sua vinculação com os hiatos do tempo. Por sua vez, a recuperação da memória benjaminiana, pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações. (Galzerani, 2004:295-296)

No programa proposto, inicialmente guio as crianças em uma atividade de exploração do arquivo, abrindo caixas-arquivo de algumas séries documentais (aprovação de plantas e pagamento de impostos do Fundo Prefeitura Municipal de Indaiatuba, por exemplo), tomando contato com antigos livros escolares (matrículas, diários de classe), registros de sepultamento, jornais, fotografias, discos em vinil. No próximo momento as crianças observam mais detidamente alguns documentos do Fundo Nabor Pires Camargo: podem ouvir sua música, ver suas cartas manuscritas, seu baú de lembranças, sua bengala... São documentos que envolvem os sentidos, a percepção e a atenção dos alunos. Em seguida proponho-lhes um jogo de investigação que trabalha com as ferramentas básicas da operação histórica, usando reproduções de documentos do acervo do Arquivo e trechos das memórias de Nabor.

O jogo é feito para crianças de 07 a 12 anos, divididas em equipes. São 15 cartas com os objetivos de pesquisa, cada qual correspondendo a um grupo de cartas com reproduções de documentos, que trazem os dados do problema. Cada equipe recebe uma carta-objetivo. Essas cartas são feitas para criar situações em que as crianças sejam estimuladas a usar os instrumentos da pesquisa histórica: a observação, descrição, a comparação em busca de semelhanças e diferenças, a descoberta de seriações. Algumas imagens que não fazem parte do acervo do arquivo também foram utilizadas para compor as peças de investigação. Imagens de outros momentos da vida da cidade, mas que expõem espaços e situações próximas às narradas nas memórias de Nabor, também fazem parte do jogo.

Vejamos então os textos e imagens de algumas das cartas. No núcleo 7, a carta-objetivo tem o seguinte conteúdo:

No livro *Recordações de um Clarinetista* Nabor conta que brincava perto da Estação de trem.

* Encontrem e leiam a carta que conta como era essa brincadeira.

* Descubram a carta que mostra *onde* era essa brincadeira.

* *Contem* para a turma o episódio do chumbinho e mostrem onde aconteceu.

Para ir mais longe:

Encontrem a imagem *com* a palavra BUCALO. Com a ajuda de um dicionário de nossa biblioteca, descubram o que é uma *charge*.

Contem para nós que relação tem essa carta com a história contada por Nabor.

O trecho das memórias escolhido é este:

Naquele tempo, eu, um menino igual aos outros, percorria descalço os campos da minha querida Indaiatuba. Nunca ia só. O nosso grupo de moleques era bem grande, como grandes também eram as nossas travessuras. Nas nossas aventuras levávamos sempre conosco os nossos estilingues, armas indispensáveis a todo bom moleque daquele tempo.

Perto do pontilhão da estrada de ferro, o grupo se dividia, e como a Itália e a Turquia estavam em guerra, nós também fazíamos a nossa “guerra ítalo-turca”, em Indaiatuba. As laterais da via férrea nos serviam de trincheiras, a munição eram pelotes de barro.

Entretanto, numa das batalhas, o inimigo foi traiçoeiro, pois usou munição proibida: chumbo. Um desses chumbos atingiu um olho de meu mano Arlindo. [...]. Às pressas, o levamos para a farmácia do Chico Boticário, o qual, com relativa facilidade, extraiu o chumbo, que por sorte havia se alojado no canto de um dos olhos, sem ofender o olho. Bem... é inútil dizer que nesse dia a “guerra ítalo-turca” acabou...(Camargo, 2000:27-28)

e essas são as cartas:



Estrada de ferro vista da área vizinha ao pontilhão, perto da Estação Indaiatuba



Charge de revista italiana sobre a Guerra Ítalo-Turca

Procurei, em cada núcleo, fazer perguntas que estimulem uma operação historiográfica: um olhar atento, um cruzamento de referências, uma aproximação de

semelhantes ou uma contraposição de diferenças, na tensão entre os tempos presentes das crianças e das memórias de Nabor. Mesmos lugares e situações, tempos distintos, mesmos lugares, situações modificadas, mesmas pessoas, diferentes tempos.

Vejamos agora outro núcleo.

Em uma *das* cartas Nabor conta uma história que aconteceu com o clube de futebol Primavera.

* *Encontrem* essa carta e leiam o texto em grupo.

* Encontrem a carta com a *imagem* do Primavera e observem os jogadores: o uniforme, sapatos, cabelos, a data e o que mais lhes chamar a atenção.

* Contem para a turma o que aconteceu no jogo lembrado por Nabor, mostrem a foto e os detalhes que vocês encontraram.

Para ir mais longe:

Descubram a carta com a partitura de uma música que Nabor fez para o Primavera e contem *para* nós que música é essa.

O *Primavera* é o time de futebol local até hoje. Aqui vai o trecho recortado das memórias do menino Nabor:

Em Indaiatuba, como em qualquer outro lugar, o futebol sempre esquentava o sangue do pessoal. Certa vez, o clube da fazenda do Barnabé foi jogar em Indaiatuba, para dar uma surra no Primavera, conforme eles diziam... Antes do início da partida, os barnabenses estavam muito seguros da sua vitória, arrelhando os primaverenses, e prometendo que a surra seria grande. Eles já antegozavam a vitória e falavam até em tirar uma fotografia para documentá-la. A partida começou às quinze horas. O Sr. Barnabé, presidente do clube, ficou incentivando os seus jogadores durante alguns minutos; contudo, percebeu que as coisas não iam muito bem.

Logo de início, os primaverenses fizeram três gols. Então, o Sr. Barnabé resolveu ir esperar o resultado da partida no bar, comendo sanduíches e bebendo cerveja. Naquele tempo não existia rádio e as notícias eram levadas ao Sr. Barnabé pelo Berge, que de instante a instante ia até o bar do Miguel João, para dizer que os primaverenses tinham feito mais um gol. Até o fim do primeiro tempo, os primaverenses tinham feito dez gols! E os barnabenses nada! Quando o Berge chegou no bar com a notícia do décimo gol, o Sr. Barnabé, dando um forte soco na mesa, gritou: “Berge, tire o clube de campo!” Assim terminou a partida: sem fotografias, sem festa e sem briga. Dizem que os barnabenses desistiram de jogar futebol!!! (Camargo, 2000:59-60)

e as imagens de documentos do arquivo...



Hino do Clube de Futebol Primavera



Clube Primavera em 1909

Para criar pontos de contato entre a experiência do arquivo e o cotidiano da escola, tentei me manter próxima de temas enraizados no currículo escolar, com o intuito de atender algumas das expectativas dos professores, e diminuir o estranhamento que essa maneira de pensar o ensino de história possa provocar. Um exemplo dessa tentativa é o núcleo a seguir, que se aproxima dos tradicionais temas “comércio” e “meios de transporte”.

Num domingo, após a missa, dois sitiantes encontravam-se em frente à nossa casa,[...] onde havia o armazém do Césare Lisoni. Conversavam e ouvi, no meio da conversa, o nome de papai. Fiquei atento para saber de que se tratava. Pelo diálogo, deduzi logo que os dois eram violeiros, porém não possuíam violas. Um propôs ao outro irem ao nosso armazém com o pretexto de comprar uma. Assim, eles tocariam durante algum tempo, para satisfazer a vontade; depois, dariam uma desculpa qualquer e nada comprariam. Corri para casa a fim de prevenir papai [...] Apenas acabei de contar, os dois caboclos já estavam entrando no nosso armazém. Um deles disse: “Nhô Juca, mecê tem uma viola pra vendê?” Papai mostrou a vitrine [...] dizendo: “Eu sei que vocês não querem comprar viola, mas também sei que vocês são bons violeiros! Podem, portanto, tocar à vontade, porque eu gosto muito de música!” Papai não os conhecia, não sabia se eles tocavam bem ou mal; todavia, como bom negociante, conhecia o efeito de um elogio. Os caboclos tocaram apenas duas músicas, e conversaram baixinho durante alguns minutos. Depois voltaram ao armazém e disseram: “Nhô Juca, as viola é boa!... Nós vai cumprá as duas!”. Durante o almoço desse dia, ouvi papai comentar com mamãe sobre o negócio que fizera, e terminou dizendo: “Nabor é muito esperto! Se não fosse ele, eu não teria vendido as duas violas”. (Camargo, 2000:39-40)

Encontrem três cartas com imagens de animais transportando mercadorias para serem vendidas.

Descubram e leiam a carta com o texto que conta a história dos dois violeiros.

Descubram a carta com a imagem do Armazém da família de Nabor

Descubram o que têm em comum as cartas com mercadorias e a história dos violeiros.

Para ir mais longe:

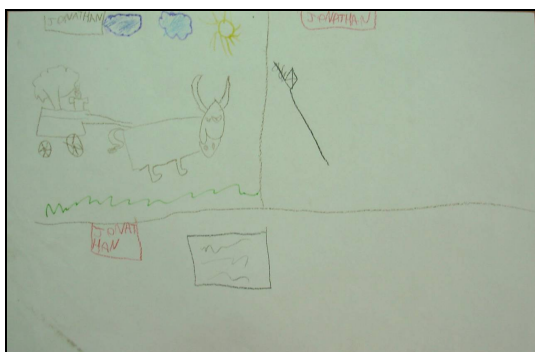
Encontrem a carta que tem uma planta de Indaiatuba em 1913. O armazém do pai de Nabor ficava na esquina da Rua XV de novembro com a Rua Bernardino de Campos. Localizem essa esquina na planta e mostrem para a turma.



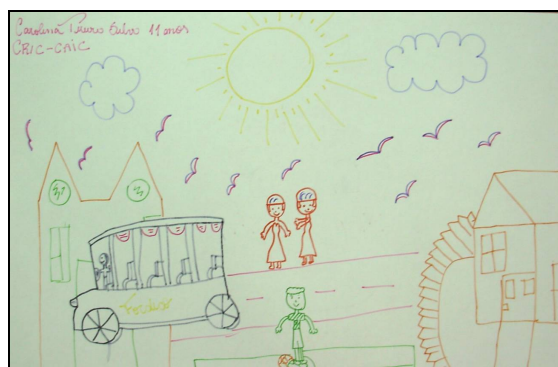
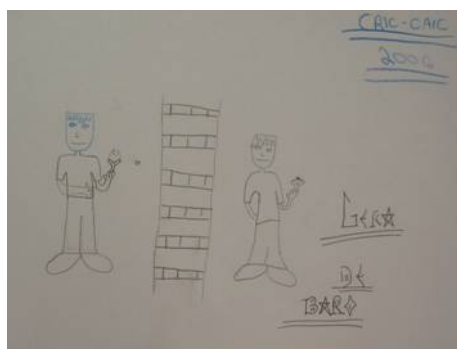


Vistas em seu conjunto, as cartas propõem situações de pesquisa histórica, com fontes primárias, feitas pelos alunos.

O projeto está em experimentação, tendo



sido realizado com quatro grupos de crianças da rede municipal de ensino, em 2006. Nesses



encontros as crianças fizeram desenhos sobre a experiência, que serão usados para a avaliação

do programa e de suas dinâmicas, em um trabalho que quer sensibilizá-los e aos seus professores para as possibilidades de ensino com documentos e propor outros olhares em relação ao conhecimento histórico sobre nossa cidade.

Bibliografia

CAMARGO, Nabor Pires. Recordações de um Clarinetista. Indaiatuba, FPMI, 2000.

DUTRA, Soraia Freitas. *Objetos da cultura material como mediadores no desenvolvimento do raciocínio histórico em crianças*. Anais do IV Seminário "Perspectivas Do Ensino De História" Universidade Federal de Ouro Preto, 2001.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *Memória, História E (Re)Invenção Educacional: Uma Tessitura Coletiva Na Escola Pública*. In: Educação, Memória e História. Campinas, Mercado de Letras, 2004: 287-330.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. São Paulo, 1992, p.9-23. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, v.34, p.9-23, 1992.

RODRIGUES, Marly. *Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo*. São Paulo: IMESP/UNESP, 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.- *Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997.